

PAULO FREIRE, HISTÓRIAS VIVIDAS, LIÇÕES INESQUECÍVEIS, APRENDER SEMPRE

César Nunes²⁰

Muito já se escreveu sobre Paulo Freire, muitas páginas ainda haverão de serem escritas, nesse ano de seu centenário (2021) e nos anos e nas décadas seguintes, e nos próximos centenários que virão. Fui convidado a escrever algumas lembranças de nossa convivência, curta, mas intensa e singular. Acabei aceitando, pois achei que seria oportuno buscar registrar a beleza e a simplicidade desse *homem do mundo*, tão incompreendido e por tantas vezes injustamente atacado, de maneira perversa, seja no seu próprio tempo de vida e de atuação, seja ainda nesses últimos tempos, bem depois de sua morte, no Brasil e em outros lugares do mundo nos quais tem prevalecido o arbítrio e a escuridão política e cultural. Mas, não quero ser um defensor de Paulo Freire, no sentido apologeta e proselitista. A obra dele é maior do que qualquer outra força. Ela permanecerá, incontestável, a despeito das acusações ridículas e medíocres. Ela não precisa de defesas, precisa sim de socialização, de divulgação, de esclarecimentos, de luzes, de recomposição da verdade de si e da beleza que encerra em si. Esse é meu propósito nesse momento. Contar algumas poucas histórias que vivi com o maior educador do Brasil, o Patrono da Educação Brasileira, o professor Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997). Esse é o mote.

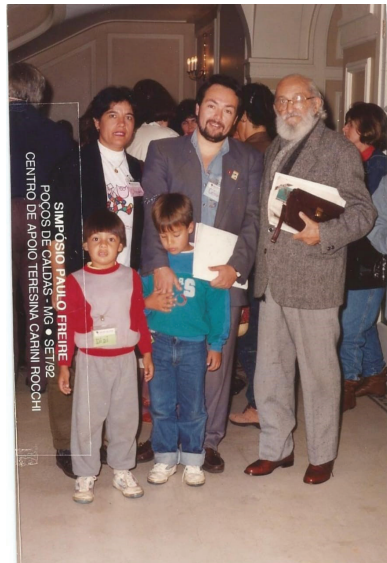
Eu convivi com o professor Paulo Freire por uns 10 anos no tempo mais geral, entre o início da década de 1980 e meados da década de 1990. Nosso último encontro foi em 1996, depois desse encontro somente acompanhava sua luta para recuperar-se. Essa convivência deu-se entre alguns anos mais próximos e outros mais distantes, marcados por encontros e por conversas rápidas e abraços, em tantas

20 Professor titular de Filosofia e Educação na FE/UNICAMP. Coordenador do Grupo de Estudos PAIDEIA, membro diretor do Instituto Nacional de Pesquisas e Promoção dos Direitos Humanos, autor de obras sobre Filosofia, Educação e Formação de professores.

e exigentes atividades conjuntas. A mais intensa e marcante relação nossa deu-se na UNICAMP, estive com ele, como aluno, por 2 anos ou pouco mais, eu sempre me candidatava a ser uma espécie de auxiliar didático, de modo a poder acompanhar suas disciplinas na Faculdade de Educação. Igualmente o acompanhava até o campus da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, a PUCCAMP, onde ele atendia esporadicamente algumas demandas do Núcleo de Educação daquela universidade. Foram anos de intensa convivência que fizeram com que desenvolvêssemos uma fraterna e original amizade.



César Nunes e Paulo Freire. Quando vereador autor deste texto, ano de 1996, teve aprovação de uma lei junto à Câmara Municipal de Campinas que institui o Diploma de Mérito Educativo Professor Paulo Freire.



Autor com sua família e Paulo Freire em 1992: Cleide Aparecida Ribeiro Nunes (Mestre em Educação). Os filhos: Cesar Augusto Ribeiro Nunes, hoje Doutor em Direito e Cesar Adriano Ribeiro Nunes – Mestre em Psicologia e Educação.

Na verdade, eu sempre achava o professor Paulo Freire muito maior do que um amigo, pois ele já era para mim uma estrela de infinita grandeza, uma inspiração, um Mestre no pleno sentido desse nome e dessa identidade, e eu me sentia pequeno diante dele e de sua estatura, pessoal, acadêmica e política. Ele percebia meu sentimento e sempre que pode, em pelo menos três vezes marcantes, estimulava e me elogiava, de modo a buscar superar esse espanto (*pathos*, em grego) que eu cultivava diante dele. Sempre me lembro que, muitas vezes, fui incumbido de levá-lo a São Paulo ou de buscá-lo em São Paulo para dar aulas em Campinas. Isso me autoriza a dizer, algumas vezes, em palestras e eventos, que eu tive a honra de ser motorista de Paulo Freire, ainda que por algumas vezes. Na verdade, outras pessoas também faziam esse traslado, mas é sempre bom lembrar dessa singular condição que a vida me deu como presente. Tenho repetido isso, nesse ano de celebrações, com uma alegria imensa e uma distinção dessas que a vida reserva a privilegiados.

Lembro-me sempre do fato que, quando ele não vinha com o ônibus chamado Massa Crítica, um ônibus particular de traslado específico que saía de São Paulo, a capital, passando pela PUC SP, pela USP e dirigia-se até Campinas, com ponto final na Unicamp, trazendo consigo muitos notáveis professores da jovem universidade campineira, algumas vezes ele precisava que o buscassem no ponto inicial da Universidade. Ele sempre dependia da carona de alguém, ou ainda de que a Faculdade de Educação providenciasse o transporte. O professor e diretor Eduardo Chaves, sempre que podia, indicava-me para realizar esse traslado, pois ele sabia ser alguém que admirava tanto o Professor “famoso” que tínhamos. O quanto pude acompanhei o professor Paulo Freire na sua vinculação com a Faculdade de Educação da Unicamp.

Paulo Freire também era professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, contratado pelo querido e lúcido Dom Paulo Evaristo Arns, Chanceler daquela Universidade. O fato é que, em algumas vezes, era eu que tinha o privilégio de buscá-lo em São Paulo, para que de lá pudesse vir a Campinas, voltando ao final do dia para a cidade que o acolhera, depois do exílio de 16 longos anos fora de seu país. Outras vezes eu o levava com o carro até o ponto do ônibus Massa Crítica, como já indiquei, que geralmente era na saída da Unicamp, num local que havia uma banca, na qual se vendia água de coco e caldo de cana. Ali ele gostava de aguardar o ônibus e esperava, com muita calma, mas sempre com bom humor e animação. Ele sempre era loquaz, conversava muito, com todas as pessoas, sempre causando admiração e envolvimento, pelas perguntas cheias de espíritosidade que fazia, pelas saudações originais, pelo encantamento, por assim dizer, que tinha com a vida e transmitia em sua totalidade.

Um fato que sempre me marca foi sua chegada do exílio. Foram duas vezes dramáticas. A primeira vinda de Paulo Freire deu-se em 1979, autorizado pela perversa ditadura para vir por um prazo de 30 dias e providenciar as questões judiciais e materiais de seu retorno. Essa sua viagem ainda prospectiva era para desembarcar no Galeão, um aeroporto ainda incompleto, mas uma dificuldade de “teto para aterrissagem” o fez dirigir-se até Viracopos, o aeroporto de Campinas. O aeroporto internacional do Brasil parecia ser Viracopos. Nessa sua *primeira volta*, por assim dizer, muitos intelectuais, alguns jovens políticos e outras lideranças sociais, além de amigos e conhecidos e de jornalistas, puderam deslocar-se rapidamente para Campinas para recebê-lo. Entre eles estava Eduardo Suplicy, Fernando Henrique Cardoso, Irma Passoni, para lembrar de alguns. Nessa ocasião, em agosto de 1979, ainda havia um clima de acentuada perseguição moral ao professor Paulo Freire, por parte das forças militares de exceção que ocupavam o Estado, e igualmente havia ainda as ressonâncias retrógradas de ideias acusatórias sobre sua pessoa e seu trabalho. Tenho aqui comigo que Paulo Freire nunca foi compreendido com plenitude e acolhimento no Brasil, salvo pelos que o conheciam e alinhavam-se com sua visão de mundo, sua paixão pela educação e sua esperança e alegria pela vida.

Eu não estive nessa primeira volta de Paulo Freire, estava ainda no Seminário, mas já conhecia e acompanhava, com paixão, sua trajetória, suas ressonâncias pelo mundo e sua identidade de educador popular e de notável intelectual, que a gente definia com o “orgânico, popular e revolucionário”, em nossas circularidades mobilizadoras e formativas.

Depois de buscar encaminhar as condições para poder trazer seguramente sua família, Paulo Freire retornaria à Europa para preparar-se para o retorno, definitivamente, a seu país. Muitas lutas tiveram que ser travadas, ainda assim, pelo combativo Paulo Freire, para recuperar seus documentos, para conseguir autorização judicial para o retorno definitivo, para encontrar condições de trabalho docente, para efetuar uma inserção num ambiente que ainda era de exceção, para se integrar ao campo democrático, entre outras múltiplas e exigentes condições.

A sua segunda volta deu-se em Agosto de 1980. Nessa eu pude chorar de alegria e contemplar o homem, o intelectual que me encantava e que abria uma senda de esperanças em todas as minhas utopias concretas sonhadas naquele momento. Estava em Viracopos, muita gente estava, agora era um retorno de grandes proporções. Ali aportou o educador Paulo Freire com sua família, depois de 16 anos de exílio, na fila de muitos que voltavam ao Brasil depois da decretação tardia da contraditória Anistia; voltavam todos e todas que tinham partido “num rabo de foguete” como cantava Elis. Nesse dia, a volta de Paulo Freire, havia muita gente para aguardá-lo, estudantes, intelectuais, gente da Igreja, padres, bispos, estávamos todos lá esperando e aguardando com ansiedade a volta de um dos maiores educadores da humanidade. Ainda não tínhamos essa clareza, sabemos hoje que Paulo Freire é certamente o mais notável intelectual brasileiro, o mais influente, um dos homens mais admirados da cultura e da civilização atual. Ao vê-lo chegar em Viracopos fomos tomados por uma alegria incontida, os estudantes da Unicamp, os cartazes, as palavras de ordem, as cantorias de todos nós estudantes liderando um grupo animado em sua recepção e de sua família. Alguns de nós tínhamos ido a pé do último bairro de Campinas, caminhando até Viracopos pela Rodovia Santos Dumont, pois não havia ainda um regular transporte coletivo. A chegada de todos os intelectuais exilados era cercada de um forte esquema de segurança, na própria estrada de acesso ao aeroporto havia blitzes policiais, para intimidação e revistas. Os militares perguntavam o que iríamos fazer e nós coletivamente dizíamos que estávamos a buscar um parente que chegaria naquele voo, nunca dizendo efetivamente o nome de quem era o sujeito de nossa espera e de nossa esperança. Tudo em vão, pois Paulo Freire tinha imantado a cidade e a imprensa havia feito uma cobertura espantosa – para aquela conjuntura – de sua volta. Com muito bom humor, ao vencer o cordão de isolamento que separava o saguão do pequeno aeroporto, Paulo Freire dirigiu-se a todos nós e falou com calma, com carinho e com atenção, dizendo estar pronto para “reaprender o Brasil, com esperanças e confiança na

democracia” – sem raivas, sem ódios, sem incitações ou medo, sem ameaças ou negativismos. Sua palavra, amorosa e acolhedora, nos tocava a fundo, não parecia que éramos nós que o acolhíamos, ficou patente que quem acolhia, na verdade, era ele, a todos nós ali presentes, pois ele trazia uma esperança de uma sociedade democrática, de uma sociedade igualitária, humanista, dialógica, repito – profundamente humanizada – era esse o tom que sua figura evocava em mim, a anunciar naqueles dias os possíveis horizontes da liberdade.

Não posso deixar de registrar, neste texto memorial, a minha admiração pelo professor doutor Eduardo Chaves, então diretor da Faculdade de Educação da Unicamp, que teve a ousadia de propor um contrato de trabalho ao professor Paulo Freire. Hoje não tenho clareza se o primeiro contrato de trabalho de Paulo Freire foi com a UNICAMP ou com a PUC-SP. Ele tinha recebido o convite e a possibilidade de trabalhar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, por força da ação generosa, acolhedora e altamente lúcida, de Dom Paulo Evaristo Arns, outro grande cavaleiro do Amor e da Esperança. Para poder voltar ao Brasil houve muita luta, nada foi fácil, o governo recusava aceitar alguns intelectuais, e Paulo Freire era um deles. Paulo Freire entrou na Justiça para ter o direito de voltar ao Brasil, ainda que já tivesse sido aprovada a Lei da Anistia. O arbítrio judiciário no Brasil é histórico. Era igualmente exigido um contrato de trabalho, requisito para a plena obtenção da autorização de retorno ao país, o que denota novamente o caráter arbitrário daquele momento histórico e político. Paulo Freire integraria, portanto, o jovem curso de pós-graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, que contava com mestrado já “funcionando” desde 1976, e o curso de doutorado tinha sido criado em 1980, precisando exatamente de professores e de pesquisadores que pudessem aquilatar a experiência de pesquisa e de formação de pesquisadores e educadores, carente de reconhecimento nacional ou internacional. O Professor Paulo Freire inicialmente trabalhou na Faculdade de Educação com a Graduação em Pedagogia, ministrando disciplinas das licenciaturas e algumas outras disciplinas na Pós-Graduação. Foi nesse momento que me aproximei dele e pudemos conviver.

Tenho que registrar, com muita alegria, que Paulo Freire era Doutor em Filosofia da Educação, pela Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco, e Livre-Docente em História da Educação, pela mesma Universidade. Como jovem professor ministrou por alguns anos essas duas disciplinas no Colégio de Belas Artes do Recife, Filosofia da Educação e História da Educação. Destaquei esse fato para fortalecer a nossa área de estudos e pesquisas na Faculdade de Educação da UNICAMP, que integra a Filosofia e a História da Educação. Hoje sou Professor Titular de Filosofia e Educação no Departamento de Filosofia e História da Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. Tenho mais esse orgulho, ser professor na mesma instituição que teve Paulo Freire como docente e pesquisador.

O espaço das salas de aulas do Ciclo Básico, onde situava-se improvisadamente a Faculdade de Educação, era reduzido e insuficiente. Paulo Freire precisava deslocar-se aos galpões que hoje fazem parte das oficinas dos Instituto de Artes, que eram maiores e mais amplas, para acolher o grande número de alunos e alunas que buscava suas aulas, que deveriam chegar com suas cadeiras, buscadas em diversas repartições, que podiam ser acrescentadas e deslocadas no recinto. Havia diferentes organizações espaciais, mas sempre Paulo Freire preferia as disposições circulares, com suficiente espaço para andar e deslocar-se pelo centro do improvisado e vibrante espaço pedagógico ali montado. Eu notava que vinham muitos professores da rede estadual de educação, já mais experientes, gente de outras cidades, com dificuldades para chegar até a Unicamp, outros tantos alunos e alunas especiais que, conhecendo a obra de Paulo Freire, vinham de outras cidades para suas aulas semanais, mesmo muitas vezes não tendo o direito à certificação ou reconhecimento formal desses estudos. Aulas concorridíssimas, quase sempre magistrais e inesquecíveis. Essa experiência de ver o professor Paulo Freire ao centro, deslocando-se para todas as direções, ao lado de uma lousa mínima e improvisada, andando e conversando com todos, era para mim altamente diferente da experiência que tivera em escolas e colégios mais tradicionais, circunscrito a espaços rígidos e retangulares, alunos e alunas perfilados em carteiras simetricamente ordenadas. A disposição arquitetônica e política altamente rígida era igualmente a inspiração para a arquitetura curricular e pedagógica. Paulo Freire quebrava tudo isso com leveza, sem fazer forças. Um dia ele confessara que gostaria, na infância, de ser cantor, e os alunos, os mais ousados, lhe pediram que cantasse. Não posso deixar de me lembrar de ter presenciado uma *palhinha* de Paulo Freire. Foi assim também quando se referiu à sua Professora Dona Alice, que finalizou sua alfabetização, dado que sua mãe, Dona Tudinha, o alfabetizara aos 06 anos de idade, “debaixo daquela mangueira”, como relata num dos mais belos livros que escreveu. Nesse dia ele ilustrou suas aulas com o verso “que saudades da professorinha”. Depois, escreveu, “Professora Sim, Tia Não”, mas vou deixar esse debate para outro dia.

A experiência de ter podido ver e vivenciar a circularidade dialógica do professor Paulo Freire em sala de aula é para mim uma inspiração, ainda hoje, inesgotável; com a qual tenho mantido, igualmente, a Esperança de que muitos jovens que continuam aceder aos bancos universitários da Faculdade de Educação da UNICAMP, em busca de um conhecimento que humanize mais, de uma concepção de educação compreendida como desenvolvimento humano pleno, ético, estético, político e cultural não se acabe, não se esgote e nem seja esquecida.

Sempre que se abriam espaços de diálogos, em todas as aulas, era um *deus-nos acuda*. Todos nós queríamos fazer uma pergunta inteligente, para sermos notados pelo Professor Paulo Freire, e ele nos escutava com serenidade, sempre elogiava e agradecia a pergunta,

nunca manifestando qualquer patrulhamento ou descontentamento. Eu acho que isso se chama acolhimento.

O Professor Paulo Freire era um exímio contador de histórias. Seu carisma narrativo era singular e admirável. Ilustrava com passagens de sua vida as aulas e temas, iluminava aqui e acolá o desenvolvimento conceitual com uma singularidade estética sem par. Todos conhecemos sua criatividade, seja conceitual, com os termos de *inédito viável* ou *educação bancária*, seja ainda os *temas-geradores* ou *conscientização e libertação*, para ficar em alguns. Mas eu queria lembrar os neologismos inventivos como *Boniteza*, *Fazedura*, *Bem querença*, *Quefazer* ou *fazimento*, entre tantas outras belas palavras, inolvidáveis. Era um brilhante orador, um criterioso escritor e um sensível poeta. Isso tudo contido na *professorança* dele. Um dia, ao esperar o Massa Crítica ele pediu uma água-de-coco e bebeu, devagarinho e fazendo sons ao engolir a saborosa água. No final desse belíssimo momento ele pegou o coco, já sem água e, quase que como uma cena shakespeareana, olhou para mim e disse: “Cézinha (assim ele me chamava), esse coco, na sua *coquice*, dá-se a mim; e eu, na minha *paulofreirice*, dou-me a ele. Nessa relação, ele se realiza como coco, eu me realizo como pessoa, matando minha sede.” Estou até hoje maravilhado desse diálogo, que evoca a beleza de toda a diversidade da vida!

Paulo Freire foi um educador que fez uma marca profunda na profissão de ensinar, no Brasil e no mundo. Na verdade, desejava ser um notável gramático; ele revela isso em diversos textos e em muitas de suas palestras e conversas. Depois de graduado em Direito, assumiu uma disciplina, uma cadeira, como ele falava, no Colégio Osvaldo Cruz, o mesmo Colégio que o acolhera. Ensinava Letras e Gramática da Língua Portuguesa. Desde pequeno, testemunha sua mãe, Paulo Freire era apaixonado por escrever, redigindo de maneira exímia e perfeccionista, em muitas de suas conversas ele dizia que grande parte de sua obra ele escrevera à tinta ou à lápis, como se diz corretamente, em cadernos grandes e próprios, sem borrões, com pouquíssimas correções. Não precisava “passar a limpo” as redações, escrevia de maneira coesa e elegante, coerente, leve e articuladamente. Escrevia à mão, antes de qualquer trabalho técnico de datilografia ou de digitalização; essa curiosa informação parece constatar o gosto que Paulo Freire tinha pela escrita, pela língua portuguesa e pela atividade de produzir textos. Sempre fiquei encantando com a qualidade literária de seus textos, esse jeito de expressar-se de maneira singular, não é à toa que seus livros são muito bem escritos, com uma urdidura original e argumentativa, um estilo narrativo atraente, leve e persuasivo, entremeados por uma criteriosa proporção entre argumentos, juízos e interpretações consistentes, polissêmicas e autorais. Paulo Freire encantava pelo manejo da escrita na sua língua pátria – o português – e tenho comigo algumas histórias que merecem ser lembradas, nesse texto que não tem a intenção de ser acadêmico ou formalista.

Uma delas marcou me profundamente. Ao terminar uma aula me aproximei dele e o abracei dizendo: “Professor Paulo Freire, como

o senhor fala coisas tão bonitas, que nos tocam profundamente. Eu o admiro e agradeço muito essa sua capacidade de dizer as coisas tão bonitas, que nos dão esperanças". E ele, abraçando-me igualmente, disse: "Cézinha, a gente só admira e vê nos outros o que o nosso coração já está cheio; o que você admira em mim é porque já está também no seu próprio coração, é um reconhecimento, menino!" Naquele momento fiquei altamente emocionado com essa resposta, que sempre tenho repetido para os meus alunos e relatado em muitas conferências, aulas e palestras, nas quais me permitem expressar essa passagem linda com o Professor Paulo Freire. É um axioma de origem platônica, diria hoje, uma atualização da teoria das reminiscências, de Platão. Tudo o que sai da alma toca na alma, já contemplamos a beleza, numa origem arquetípica. Mas vou deixar esse assunto para outro dia. Curiosamente, ao chegar hoje a essa conclusão, vejo o quanto o pensamento de Paulo Freire é sincrético, no sentido de constituir uma pluralidade, uma polissemia, uma plurivocidade, uma polifonia reflexiva e, ao mesmo tempo, constituir uma didática, política e pedagógica, dialógica e original. Nos inspira a buscar uma visão de mundo aberta, ampla, e que seja potencialmente capaz de dar conta da vida e da totalidade criadora da realidade, que é igualmente aberta, ampla e omnilateral.

Outra das mais belas passagens que vivemos pode ser resumido no seguinte episódio. Eu o esperava, ele ficava na Biblioteca, para levá-lo a São Paulo. A Biblioteca não era grande, a Unicamp não era grande, como é hoje, naquele momento. E eu desejava ir logo à São Paulo e voltar para encontrar-me com meus colegas de Mestrado. Eu disse a ele: "Professor Paulo Freire, o senhor não poderia adiantar um pouco as coisas, porque eu não sei sair de São Paulo depois do das 18h00, a hora do rush, é muito pesado o trânsito." Ele respondeu, sem tirar os olhos do livro que lia, com a voz calma: "Cézinha, tu é muito ansioso, menino, aguarde aí, estou finalizando um entendimento aqui desse livro, tem que ser agora." E eu fiquei esperando, meio contrariado, ele terminar sua leitura. Depois de algum tempo ele olhou para mim e disse: "Cézinha: estás vendo aqueles livros aqui na biblioteca?" Eu respondi - "Sim, estou vendo, professor. Os de baixo são os Doutorados e os de cima são os Mestrados, eu enxergo bem." Eu estava um tanto chateado, por assim dizer, pois ele demorava-se muito na biblioteca, e eu queria voltar logo para pegar, ao menos, o final de um encontro que os mestrados e doutorandos faziam num barzinho próximo à universidade. A gente chamava esse encontro de Extensão Universitária Etilica (EUE), que era uma espécie de encontro para irrigar e fecundar as ideias e ajeitar os conhecimentos para que supostamente melhorasse a apreensão das aulas tão notáveis dos mestres que a gente tinha. Eu falei prontamente: "Sim, estou vendo". Ele, então, disse: "Pois é, Cézinha, depois que apagam-se as luzes, as traças sobem aqui, pelo cheiro do papel, mas algumas teses e dissertações são tão estereis e tão frias que nem a traças querem comê-las por dentro, de tão artificiais as formas com que foram feitas!" E levei um susto tão grande com essa passagem que parei, estático, e ele continuou: "Muitas pesquisas

são feitas de maneira artificial, algumas para simplesmente cumprir um alpinismo acadêmico, e não nascem das preocupações com a vida concreta, com as condições reais da escola e dos alunos, dos professores, dos grandes problemas que afligem as pessoas na educação e na escola.” Eu nunca me esqueci dessa expressão – alpinismo acadêmico – e em seguida ele disse, complementando a grandeza do momento: “Você, menino, quando for escrever alguma coisa, fazer uma pesquisa, procure uma questão que lhe incomode muito, busque na realidade da educação e da escola, observe a sociedade, a ação concreta; transforme essa observação num problema, numa pergunta, e eleve essa pergunta à teoria”. Ele fazia um gesto de mexer com a mão direita, como que brandindo alguma coisa – e concluía: “Banhe na teoria, mergulhe na teoria, questione, explore, pergunte, e depois retorne à realidade, ao plano da ação, da vida prática, com alguma compreensão, com algum encaminhamento para a superação de todos os problemas e de todas as contradições que pesam sobre a educação e a escola.” Lembro-me que esse diálogo se deu em aproximadamente 3 minutos, mas esse dia mudou a minha vida. Ensinou-me a buscar um tema de investigação que esteja na realidade concreta, a elevar à teoria e nela entrar o debate teórico, e novamente voltar à vida prática, voltar às questões reais e objetivas que condicionam a educação e a escola. Esse ensinamento de Paulo Freire é uma lição de método e eu tenho repetido essa passagem para os meus alunos e alunas, agora na posição de orientador e na função de professor.

Paulo Freire me proporcionou ensinamentos que se transformaram num projeto de vida. Ao finalizar esse singelo texto, de memórias fragmentadas, era essa minha intenção, sobre um autêntico educador popular, quero testemunhar, com esse pequeno registro histórico, a estatura humana de um educador que, na minha opinião, era um homem simples, mas profundo, um estudioso pluralista e democrático; nunca foi um patrulhador, de nada e de ninguém, e que contribuiu sobremaneira com a humanidade toda, particularmente na Educação e na Cultura, projetando uma utopia de produzirmos uma sociedade de homens e mulheres, livres e iguais, onde caibam todos e todas. Paulo Freire educador da Esperança. Tenho dito.

César Nunes

Campinas, inverno de 2021